

CASSANDRA RIOS: MULHER, ESCRITORA E LÉSBICA

Izadora Fernanda Reichert Rodrigues¹

Eixo temático: Literaturas indígenas e LGBTQI+

Resumo: Nessa comunicação apresentarei um recorte do meu projeto de dissertação de mestrado que visa investigar a relação entre a censura do regime militar e a escrita de autoria feminina e lésbica de Cassandra Rios. A censura às “diversões públicas”, com a promulgação do Ato Institucional número 5 (AI-5) em 1968, atingiu fortemente Rios, escritora nascida em São Paulo na década de 1930. De forma corajosa, a autora transgrediu esse período ditatorial ao tocar em assuntos tabus como a prostituição, a sexualidade feminina, o suicídio e a família tradicional, na maioria das vezes, com protagonistas LGBTQI+. Essa transgressão à norma levou Cassandra a ser considerada “A autora mais proibida do Brasil”. Em contrapartida, foi a primeira mulher a vender um milhão de obras, ultrapassando nomes como Jorge Amado e Érico Veríssimo. De cunho bibliográfico, essa pesquisa em andamento também visa recuperar seus romances com o apoio da Crítica Feminista. Essa comunicação terá o aporte teórico de Sandra Reimão (1996; 2011; 2015), Douglas Attila Marcelino (2006), Rita Terezinha Schimdt (1995), Foucault (1976; 1979), dentre outros autores. Em diálogo com esses críticos e os temas tabus escolhidos, questiono, dessa forma, o cânone e os motivos que levaram Cassandra a ser campeã de proibições.

Palavras-chave: Autoria de mulheres. Cassandra Rios. Censura. Ditadura militar.

Introdução

Cassandra Rios - cujo nome de batismo é Odete - nasceu em 1932 e publicou sua primeira narrativa em 1946 (*A volúpia do pecado*), quando tinha apenas dezesseis anos. Ao longo de sua trajetória, compôs cerca de 49 romances e a maioria durante o regime militar brasileiro. Bastante corajosa e transgressora, foi a primeira escritora a colocar em evidência personagens mulheres independentes e sexualmente livres, além de trabalhar com temas tabus como a lesbianidade e a prostituição. Embora não tenha sido presa, Cassandra enfrentou cerca de dezesseis processos judiciais por um único livro, *Eudemônia* (1956), e foi bastante perseguida pelos órgãos censores do governo. Censura essa que acabou servindo como propaganda de seu trabalho. Chegou a vender 300.000 exemplares por ano,

¹ Mestranda no PPGL-UFGD. E-mail – izareichert@hotmail.com. CAPES.

segundo seu obituário publicado no *Estado de São Paulo* em 08/03/2002, e tornou-se a primeira mulher a vender um milhão de livros no Brasil.

Para entendermos o contexto de escrita de Rios, se faz necessário uma abordagem sobre a censura literária nesses *anos de chumbo*. Sandra Reimão (2015) afirma que, já em 1946 (ano da publicação da primeira obra de Cassandra), a legislação dava o poder de censura à Polícia Federal. Consequente, Jânio Quadros, presidente em 1961, concedeu aos muitos estados brasileiros o direito de exercer a censura prévia de espetáculos, filmes, músicas, peças teatrais, dentre outros. Como algumas obras geraram discordância e passaram a ser censuradas em alguns estados e em outros não, em 1967, a constituição centralizou a responsabilidade da censura ao Governo Federal. E para que o controle fosse feito, uma portaria determinava que todas as publicações fossem encaminhadas primeiramente para julgamento. Assim, logo em 1970, o decreto-lei 1077/70 começou a censurar previamente os livros.

Nesse sentido, se pensarmos que a grande maioria das obras de Cassandra Rios trata de temas tabus como a sexualidade, o homoerotismo lésbico e a prostituição, por exemplo, torna-se óbvio porque suas obras sofreram a censura da época. Sobre isso e a escrita de Cassandra, o escritor Marcelo Rubens Paiva comentou: “Tratava-se de uma mulher escrevendo sobre tesão de mulher, numa sociedade cuja predominância religiosa afirmava que a mulher apenas se deitava com um homem para gerar filhos de Deus”.

Percebemos que a censura de Cassandra e o esforço em rebaixar sua literatura se deu como parte da tentativa de manter a ordem e os bons costumes da sociedade patriarcal e heteronormativa brasileira, uma vez que o prazer sexual feminino causa certo empoderamento. Como bem explica Foucault em *A História da Sexualidade* (1976), a sociedade ocidental visou velar quaisquer práticas sexuais desde a ascensão do catolicismo até a medicina burguesa do século XIX - vide o fato de a homossexualidade só ser retirada da lista de doenças pela Organização Mundial da Saúde nos anos 90 - como forma de controle social e objetivando manter a mulher submissa ao homem.

Esta pesquisa exige o trabalho com a Crítica Feminista. A atuação de Cassandra Rios nos leva a revisitar o cânone literário, buscando compreender porque a primeira escritora brasileira a vender um milhão de obras segue tão invisível a ele. Além disto, trabalhamos na perspectiva de compreender como a escrita da autora mais proibida do Brasil explorou temas ainda refutados nos dias atuais, como: a violência de gênero, a sexualidade da mulher, a homossexualidade, a prostituição e a família.

Desenvolvimento e análise

Pensando na escrita feminina, boa parte das mulheres que conseguiram publicar e ter algum reconhecimento - como Clarice Lispector, Cecília Meireles, Raquel de Queiroz - eram letradas e de famílias abastadas, portanto, com acesso à literatura. Ainda não ocupavam por completo o espaço público, mas, com elas, a domesticidade da mulher começava finalmente a ser questionada. Cassandra Rios se enquadra nesse padrão: era paulista e também nascida em berço burguês. Porém, com cerca de 50 obras, deu visibilidade a indivíduos marginalizados com narrativas contrárias aos bons costumes e à moral da época, pois anunciava protagonistas lésbicas e seus amores.

Ao invés de mães e esposas como queria o sistema, eram trabalhadoras, escritoras, secretárias, prostitutas, estudantes; independentes e sexualmente ativas. Rios, portanto, foi a precursora dessa escrita erótica, junto de Hilda Hilst e Adelaide Carraro. O pioneirismo da escritora brasileira na literatura homoerótica se dá porque muito antes do surgimento dos movimentos sociais de gays e de lésbicas, que se organizaram no Brasil a partir de 1978, Cassandra Rios discutia, em sua obra de ficção, “a questão da procura pela posição do homossexual no processo social. Mais ainda, em seus livros ela discute sob que formas pode-se definir a opção ou comportamento lésbico, bi ou heterossexual” (PIOVEZAN, 2004, p.10).

Para esse trabalho, analisamos *Copacabana, posto 6 - a madrastra* (1956) e *Marcellina* (1977), dialogando com os conceitos e com os temas tabus que ambos

os romances abordam: a sexualidade feminina, a família, a lesbianidade e a ditadura.

Rios, ao escrever suas histórias com personagens homossexuais, mostra que elas existem e resistem aos preconceitos e estereótipos da sociedade. Por exemplo, a personagem Laura, em *Copacabana*, não aceita esconder sua afetividade, pois enganaria a si própria, e não admite colocar um vestido para encontrar seu pai, como suas amigas insistem: “Ou eu sou eu, ou aquilo que querem que eu seja. Prefiro ser eu mesma, sem nenhuma farsa, sem nenhum artifício” (RIOS, 1972, p. 46).

Considerações Finais

Rita Teresinha Schmidt defende que a história literária era constituída majoritariamente por textos canônicos e masculinos. Só na década de 70 que os estudos femininos começaram a aparecer. Antes disso, a mulher era vista como um sujeito incapaz de se representar através do discurso. Desta forma, a presente pesquisa se justifica pela importância da transgressão de Cassandra, pois demonstrou, através de seus livros, que as lésbicas queriam falar sobre a sua existência. Buscar a discussão sobre gênero dentro da literatura significa uma importante reviravolta, já que levanta a questão da cultura e da literatura serem sistemas de exclusão e de opressão social, baseadas em um sistema elitista e com grandes jogos de poder. Rios encarou o sistema patriarcal que a excluía do processo de criação para representar realidades ausentes na literatura, quebrando o discurso que trazia as escritoras como passivas: "A literatura feita por mulheres envolve dupla conquista: a conquista da identidade e a conquista da escritura" (SCHMIDT, 1995, p. 187).

Junto disso, podemos considerar que as representações presentes na literatura podem ser pensadas como instrumentos políticos na realidade. Cassandra Rios mostra que a mulher é também um ser sexual e contesta o período histórico em que escreve, pois enfrenta o sistema censório que tentava calar suas obras e seus gritos. Nessa perspectiva, Cassandra Rios dá originalidade às narrativas e acrescenta um ponto de vista diferenciado do que geralmente está presente no

cânone literário. Rios narra essas relações não-heterossexuais e outros temas polêmicos de modo acessível para levantar o debate, questionar e inserir essas personagens e assuntos no mundo concreto. A escrita de Cassandra e os livros *Copacabana* e *Marcellina* têm um significado político: nos trazem as personagens e os ambientes marcados por fatores culturais, como representação da sociedade das/os homossexuais durante toda a ditadura militar.

Referências

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

PIOZEVAN, Adriana. **Amor romântico x deleite dos sentidos: Cassandra Rios e a identidade homoerótica feminina na literatura (1948-1972)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 2005.

REIMÃO, Sandra. **Cassandra Rios - na contramão da contramão**. Disponível em: https://www.academia.edu/23108362/Cassandra_Rios_-_na_contram%C3%A3o_da_contram%C3%A3o_paper Acesso em: ago de 2019.

REIMÃO, Sandra. **Repressão e resistência: Censura a livros na Ditadura Militar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2011.

RIOS, Cassandra. **Copacabana Posto 6 - A Madrasta**. Rio de Janeiro: Mundo Musical, 2ª ed, 1972.

_____. **Marcellina**. São Paulo: Editora Record, 1980.

SCHMIDT, Rita Terezinha. "Repensando a cultura, a literatura e o espaço de autoria feminina". In: NAVARRO, M. H. (Org.). **Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina**. Porto Alegre UFRGS, 1995.